

Prédio do Congresso passa pela 25ª reforma em 26 anos

Brasília — Foto de Wilson Pedrosa

Ney Flávio Meirelles

Brasília — Apesar de jovem, em seus 26 anos de vida — a idade da capital federal — o prédio do Congresso Nacional já está na sua 25ª obra de ampliação, reforma ou restauração. A maioria delas considerada desnecessária por algumas das 20 mil pessoas, entre funcionários e parlamentares, que por ali circulam diariamente. Nenhuma das obras, contudo, tem visado à segurança eficaz dessa pequena cidade contra o perigo de incêndio.

— As obras de Oscar Niemeyer são verdadeiras churrasqueiras — condena o deputado Amaral Netto, líder do PDS na Câmara, e hoje um dos mais intransigentes fiscais da oposição. “São plasticamente bonitas, mas desprezam totalmente a funcionalidade.”

Canteiro permanente

Na verdade, são tantas e tão sistemáticas as obras realizadas tanto na Câmara quanto no Senado que o Congresso Nacional transformou-se numa espécie de canteiro de obras desde a sua inauguração. A primeira foi logo em 1963, apenas dois anos após sua construção. Decidiu-se erguer o Anexo 2, para abrigar em um só local as comissões técnicas com instalações próprias para a secretaria, gabinetes para os presidentes e vices, copa e banheiros. Desde então não se parou mais de mexer na estrutura interna e externa dos prédios.

O deputado José Genoíno (PT-SP), membro da comissão que estudou as reformas do Congresso, acredita que, enquanto a maior parte delas é inútil, o essencial ficou em segundo plano:

— Quase todas as obras realizadas no Congresso não têm nenhum sentido prático. A questão da segurança sempre foi relegada. Eu tenho medo do que possa ocorrer se pegar fogo — afirmou.

Planejadas, e sucessivas, foram as construções dos Anexos 3 e 4 da Câmara e do Anexo 2 e atualmente do 3 do Senado. Em 1980, o Anexo 1 da Câmara foi construído com projeto de Niemeyer numa área de 57 mil metros quadrados, para abrigar, além dos gabinetes para 470 deputados, serviços de passagens aéreas, novo restaurante, uma lanchonete, barbearia e criação de um ambiente de estar para os parlamentares descansarem após as refeições, adjacente ao 10º andar, junto ao restaurante.

Essa construção, apelidada de **serra pelada**, em virtude da cor amarela predominante e do luxo de suas instalações, foi iniciada no período em que o atual ministro-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, presidiu a Câmara. Mas coube ao deputado Flávio Marçílio, três vezes eleito para esse cargo, entregar a obra a seus colegas, cumprindo um compromisso de sua campanha eleitoral.

Além das obras, também as reformas têm-se repetido: adaptações no prédio principal para acomodar o contínuo au-

mento de funcionários; alterações nos anexos para abrigar mais gabinetes; transferência do Serviço Médico do 2º andar do Anexo 1 para o Anexo 3; construção do complexo de restaurantes; instalação do centro telefônico no subsolo do Anexo 3 e reforma da Taquigrafia. Sem falar nas reformas da churrasqueira e da piscina da residência oficial do presidente da Casa.

Senado

— No Senado a situação é semelhante: são trocas de pisos, divisórias, remanejamento constante e ampliação de arquivo, biblioteca, serviço médico, barbearia e redecoreção de gabinetes. Seja por contratos com empreiteiras ou por execução direta, através do Departamento de Engenharia, tantos investimentos, jamais incluíram um sistema eficiente de combate a incêndios, principalmente nos anexos 1 da Câmara e do Senado — os dois edifícios de 26 andares cada — e nos plenários.

— Hoje o prédio do Congresso é o mais perigoso da cidade — diz o chefe de operações do Estado-Maior do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, coronel Megale.

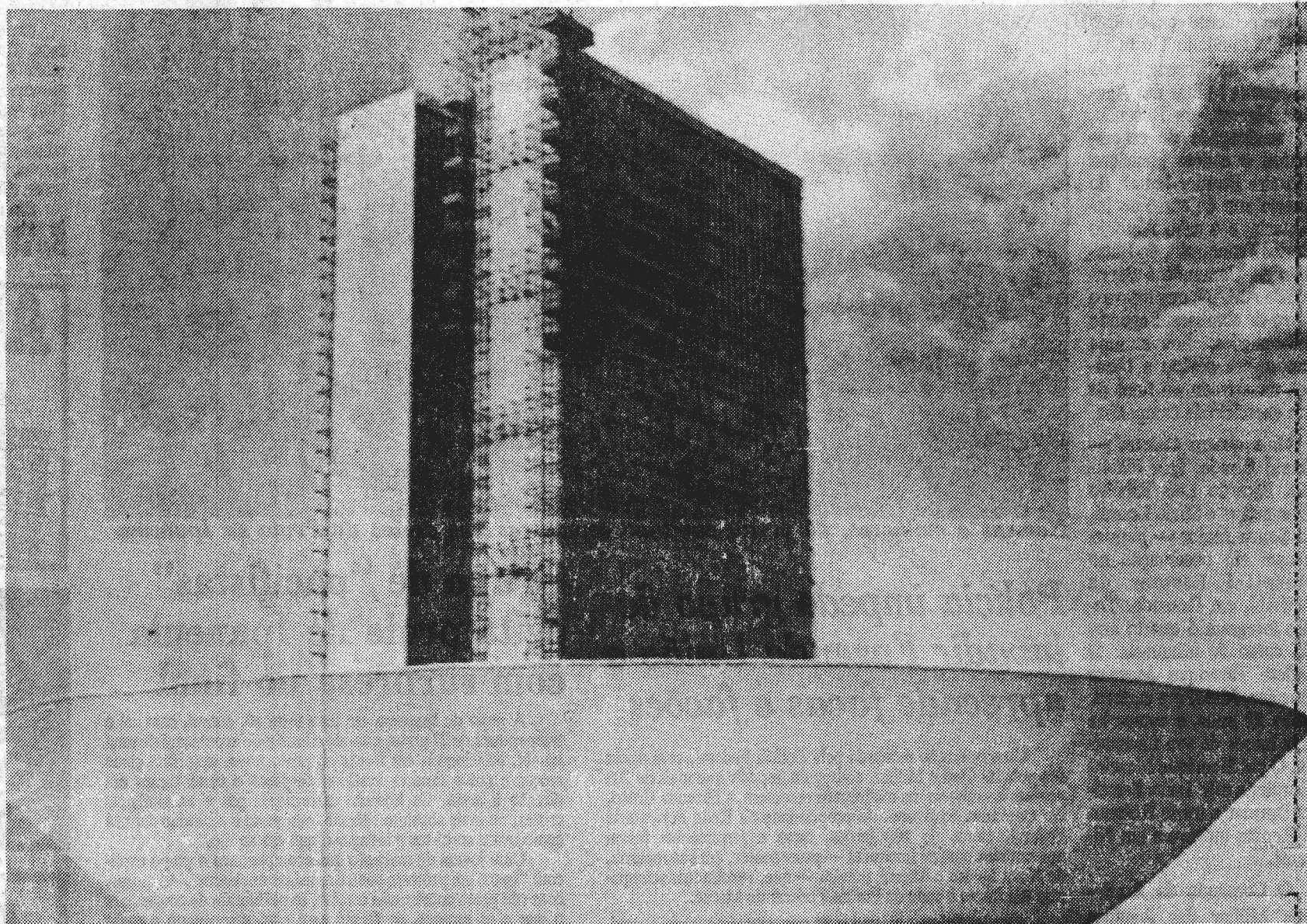
Segundo ele, num dia de grande concentração, como as grandes votações, por exemplo, um pequeno incêndio poderia ser catastrófico, e a evacuação das pessoas dependeria da ajuda dos que estivessem nas dependências do prédio, porque o acesso a ele é difícil: “As obras que eles vivem fazendo, tirando divisórias de lugar, trocando paredes sem sentido, só dificultam a fixação das partes internas do prédio por parte dos bombeiros” — diz Megale. “Em caso de emergência seria muito difícil uma operação bem-sucedida com rapidez” prevê ele.

— Seria uma tragédia — concorda Amaral Netto. — No Plenário só existem duas saídas.

Saudades

Para o deputado Bocayuva Cunha (PDT-RJ), se fossem utilizados os recursos despendidos em algumas reformas, o problema da segurança contra incêndio já estaria resolvido: “Tenho saudades do Palácio Tiradentes” (a antiga sede da Câmara dos Deputados).

A solução para o risco de incêndio nos edifícios dos anexos, considerados “dois barris de pólvora”, é uma obra que a Câmara já iniciou, mas que tem o prazo de dois anos para ser entregue. Trata-se da troca de todas as madeiras entre uma laje e outra dos andares e que com 26 anos de uso tornaram-se material altamente combustível. Está prevista também a troca das instalações elétricas, colocação dos **sprinklers** (chuveiros rotativos colocados no teto, acionados como esguichos automáticos sempre que a temperatura aumenta além do normal) e construção de um heliporto de salvamento.



Andaimes em torno do conjunto do Congresso Nacional já não causam estranheza à população de Brasília

30